

O Ciclo Carolíngio e seu percurso na Península Ibérica

The Carolingian Cycle and its Journey through the Iberian Peninsula

El Ciclo Carolingio y su recorrido por la Península Ibérica

Elisângela Coelho Morais

 <https://orcid.org/0000-0003-0978-5628>

Resumo: O Ciclo Carolíngio constitui um compêndio de poemas medievais de autoria diversificada, elaborados em períodos distintos, que têm como tema central o imperador franco Carlos Magno e suas relações familiares, abrangendo antecessores, tios, sobrinhos, entre outros. Essas narrativas exerceram uma marcante influência na cultura medieval francesa, sendo concebidas a partir do século XI. Alcançaram significativo êxito ao atingir o público-alvo original, a nobreza, mas, além disso, desfrutaram de popularidade entre diversas camadas sociais, ultrapassando fronteiras geográficas e estendendo-se a outros países do continente europeu, notadamente à Espanha e a Portugal.

Palavras-chave: cavalaria; islamismo; Roncevaux.

Abstract: The Carolingian Cycle constitutes a compendium of medieval poems of diverse authorship, created in different periods, which have as their central theme the Frankish emperor Charlemagne and his family relationships, covering predecessors, uncles, nephews, among others. These narratives exerted a marked influence on French medieval culture, being conceived from the 11th century onwards. They achieved significant success in reaching the original target audience, the nobility, but, in addition, they enjoyed popularity among different social layers, surpassing geographical borders and extending to other countries on the European continent, notably Spain and Portugal.

Keywords: cavalry; Islam; Roncevaux.

Resumen: El Ciclo Carolingio constituye un compendio de poemas medievales de autoría diversa, elaborados en períodos distintos, que tienen como tema central al emperador franco Carlomagno y sus relaciones familiares, abarcando antecesores, tíos, sobrinos, entre otros. Estas narrativas ejercieron una marcada influencia en la cultura medieval francesa, siendo concebidas a partir del siglo XI. Alcanzaron un significativo éxito al llegar al público objetivo original, la nobleza, pero, además, disfrutaron de popularidad entre diversas capas sociales, trascendiendo fronteras geográficas y extendiéndose a otros países del continente europeo, notablemente a España y Portugal.

Palabras clave: caballería; islamismo; Roncesvalles.

INTRODUÇÃO

As Canções de Gesta francesas trazem o modelo heroico como temática central, e foram as primeiras obras laicas popularizadas em língua vulgar no território da atual França; sua inspiração vinha das batalhas, dos ritos pagãos e lendas célticas, além do ideal guerreiro (FERNANDES, 2000, p.53).

Sendo divididas em ciclos definidos de acordo com a temática, personagens, ou tempo cronológico em que visavam contemplar, destacavam grandes feitos e possuíam um fundo exemplificador.

Entre eles, está o chamado Ciclo Carolíngio que trata da corte de Carlos Magno, e traz o delineamento do modelo de cavaleiro cristão. Suas obras apresentam influências pagãs e cristãs; foram elaboradas por clérigos e leigos com conhecimento clerical que ainda possuíam em suas práticas resquícios das antigas religiões pré-cristãs. Sua principal obra é a *Chanson de Roland* narrativa que trata da passagem de Carlos Magno na Península Ibérica e a emboscada no desfiladeiro de *Roncevaux*. (BAYARD, 1957, p. 77).

Nele vemos também Fierabras que possui em sua narrativa a batalha entre Carlos Magno e seus pares contra os sarracenos liderados por Balan e seu filho o gigante Fierabras que lutam no território Aigremore na Península Ibérica entre a Galícia e Portugal (MANDACH, 1987, p. 39-40)

Este ciclo teve forte influência na cultura francesa medieval, e essa referência chegou a outros países do continente europeu, entre eles Espanha e Portugal, que por sua ligação com Roma apresentam um forte cristianismo, que será intenso motivador para a expansão territorial e combate a ameaças internas, que se personificaram como povos não cristãos.

A vida de Carlos Magno foi tema de muitas narrativas literárias, desde a Idade Média até os dias atuais. Essas narrativas costumam focar nos feitos militares e políticos do rei dos francos, bem como em sua vida pessoal e seus valores religiosos.

Uma das primeiras narrações literárias sobre Carlos Magno é a “Vita Karoli Magni”¹ (“A Vida de Carlos Magno”), escrita pelo monge Einhard no século IX. Einhard foi um dos biógrafos mais próximos do rei franco e sua narrativa é considerada uma fonte histórica confiável, ela descreve a vida de Carlos Magno desde a infância até a morte, e destaca seus feitos

¹ Os *Annales Regni Francorum*, conhecido como os Anais Francos Reais ou os Anais do Reino dos Francos, anteriormente conhecido como o Nome dado a este manuscrito pelos editores da edição latina do século XIX de a *Monumenta Germaniae Historica*. Os *Annales Laurissenses Maiores*, abrangem o período de 741 a 829. Existem vários exemplares desta crônica e um deles tem sido tradicionalmente atribuída a Einhard († 840), embora a autoria ainda seja contestada. Tudo indica que os *Annales Regni Francorum* foram escritos na corte carolíngia, de modo que logicamente devem ser interpretados à luz de outras fontes, dada a sua forte subjetividade. De qualquer forma, os *Annales Regni Francorum* representam uma das fontes fundamentais para o estudo do reinado de Carlos Magno em geral e da Batalha de Errozabal em particular, embora, como observado por Roger Collins, como nos dois casos anteriores, o autor não menciona a derrota do exército carolíngio e retrata a campanha de 778 em termos de uma vitória militar. T.A (IRUJO, 2021, p. 216-217).

militares, políticos e religiosos. Essa linha narrativa visava mostrar a vida do rei dos francos de maneira biográfica será explorada de várias maneiras gerando como resultado produções conhecidas por toda a Europa e além.

No escopo temático da vida de Carlos Magno sua passagem por Roncevaux é notória no *Vita Karoli*:

Em sua *Vita Karoli Magni*, o autor descreve como os bascos se esconderam no cume da montanha, desceu para o trem de bagagem enquanto viajava por uma passagem estreita, forçou as tropas que estavam na retaguarda em um vale adjacente e os matou até o último homem. De entre os mortos ele distingue Eggihard, superintendente da mesa real, Anselmo, conde do palácio, e Roland, prefeito da fronteira, como o mais proeminente. Mas os relatos cuidadosamente elaborados pelos historiadores do palácio terão pouca influência sobre as interpretações subsequentes do malfadado de Carlos Magno incursão na Espanha ou da batalha que mais tarde seria identificada com Roncesvalles, o vale onde os príncipes da retaguarda franca foram massacrados T.A (BAILEY; GILES, 2016, p. 1).

CARLOS MAGNO NA PENÍNSULA IBÉRICA

As narrativas sobre Carlos Magno adentram na Península Ibérica após o século XI, pois antes desse período ocorria o predomínio de textos que possuíam uma visão mais local, em decorrência da invasão muçulmana, as narrativas dos reinos cristãos da região desejavam retratar um passado glorioso a se apegar de uma Espanha visigótica com o objetivo político e religioso de reocupação do território e restauração dos antigos esplendores do reino.

Os poemas franceses exerceram uma influência maravilhosa em toda a Europa, sendo traduzidos e reformulados em vários países, como Inglaterra, Irlanda, Holanda, Alemanha e Noruega. Eles foram assimilados principalmente pela Itália e Espanha, onde heróis carolíngios se tornaram uma parte importante das tradições locais e genealogia. Na Espanha, a famosa derrota em Roncesvalles retratada nos poemas franceses levou à criação do personagem Bernardo del Carpio, um herói nacional lendário que se juntou a figuras históricas importantes como Fernán González e o Cid. A Espanha sentiu uma conexão natural com o épico carolíngio, pois foi palco das grandes guerras de Carlos Magno contra os Sarracenos T.A. (MENENDEZ PIDAL, 1974, p.32)

Adeline Rucquoi esclarece que integração de matéria “estrangeira” só ocorrerá quando a nobreza de Castela em suas tendências hegemônicas se intitular *imperatores tout Hispaniae*, começando com Alphonse VI de Castela e Léon (1065-1109), que em seu reinado dá uma abertura às obras francesas, e às práticas religiosas do rito romano substituindo os ritos visigóticos ou moçárabes, assim como alianças matrimoniais, com famílias toulosanas e borgonhesas.

Além da abertura à peregrinação a Santiago de Compostela, e a adoção da caligrafia dita francesa substituindo a escrita tradicional ou visigótica. Tais medidas teriam um objetivo político, manter a independência de Castela no momento da chegada francesa que visava libertar a Espanha da ocupação muçulmana (RUCQUOI, 1989, p.677-679).

Essa abertura trouxe ao território espanhol cronistas franceses que produziam e trouxeram consigo uma série de narrativas onde Carlos Magno possuía presença marcante, e que passara pela Espanha realizando feitos memoráveis como a descoberta do túmulo de São Tiago, a fundação de inúmeras vilas e a luta contra os infiéis defendendo a Cristandade, tais realizações se infiltram no imaginário da região, criando raízes míticas que somente depois serão contestadas:

Mas aquele quadro começou a sofrer lenta alteração desde o final do século XII nos textos de monges das ordens de Cluny e Cister. Foram estes os principais difusores da matéria carolíngia, e os primeiros a promover a associação da luta dos guerreiros francos com a retomada do túmulo de Santiago de Compostela. Nos escritos de inspiração clerical, como a *Historia Karoli Magni et Rotlandi* – crônica do Pseudo-Turpin –, os heróis são levados a enfrentar perigosos inimigos mouros (MACEDO, 2009, p. 4)

Míquel Dolán Gomés aponta que um dos relatos mais marcantes dessa chegada à Península Ibérica foi registrada por volta do século XIII, num episódio onde o cronista cisterciense francês Alberic de Trois-Fontaines, no seu minucioso e abrangente relato da batalha de Las Navas de Tolosa, ocorrida em 1212 na Andaluzia, onde as forças das cruzadas cristãs obtiveram uma vitória sobre os almóadas, faz uso frequente da expressão “rex parvus” (pequeno rei) ao se referir a Alfonso VIII de Castela, quando questionado sobre o motivo de ser chamado de ‘pequeno rei’, Alfonso VIII de Castela explicou que herdou o trono em tenra idade após a morte de seu pai D. Sancho, e desde então foi conhecido como tal ao longo de sua vida.

No entanto, a explicação popular era que após a era de Carlos Magno, que restaurou a Espanha, seus antecessores eram chamados de “pequenos reis” para distingui-los de Carlos, o “grande”.

Na visão de um historiador francês do século XIII, parecia genuíno o entendimento de que Carlos Magno havia conquistado toda a Espanha, conforme acreditava o público francês da época, inspirado na narrativa da Canção de Roland. A memória histórica das campanhas mais modestas no nordeste da Península Ibérica, que levaram à dominação carolíngia centrada em Barcelona, havia evoluído para uma lenda elaborada que atribuía a Carlos Magno a conquista completa da Espanha.

Nesse contexto, Alberic via a submissão dos líderes cristãos espanhóis ao status de “sub-reis”, ou reges parvi, como um reflexo dessa alegada conquista. A descrição de Alfonso VIII como “pequeno rei” por Alberic derivava da integração das lendárias realizações de Carlos Magno em sua crônica, sendo influenciada por essa perspectiva histórica amplamente aceita na França da época.

Na sua crônica, Alberico de Trois-Fontaines amplamente incorporou o detalhado relato lendário das campanhas espanholas de Carlos Magno da renomada “Historia Karoli

Magni et Rotholandi”, também conhecida como Pseudo-Turpin. O mais antigo manuscrito existente do Pseudo-Turpin é parte do bem-conhecido “Liber sancti Jacobi” (ou Codex Calixtinus), datado do segundo quarto do século XII.

A autoria e a origem do Pseudo-Turpin não são claras, mas provavelmente foi criado, pelo menos em sua forma essencial, junto com outros conteúdos do Codex Calixtinus. Essa coleção de narrativas de milagres, peças de propaganda e bulas papais falsificadas foi elaborada para conferir uma herança ilustre ao recém-criado arcebispado de Compostela, que foi aprovado pelo Papa Calixto II em 1120 (DOLAN GOMÉS, 2016, p. 94-95).

Tal narrativa começou a percorrer tanto a Espanha quanto a França a partir da segunda metade do século XII e assim como as narrativas do período achava-se que o texto que tratava da libertação do túmulo de São Tiago das mãos sarracenas por Carlos Magno era autêntico, tal certeza acabou perdurando mais de três séculos (MORRISSEY, 2003, p. 50-51)

Um desses exemplos é crônica atribuída ao Bispo Turpin de Reims, um clérigo do reino carolíngio do século VIII, que, nas lendas, é um dos doze pares de Carlos Magno. Nessa narrativa, Carlos Magno é elogiado por resgatar Compostela dos muçulmanos, elevando-a à posição de igreja principal da Espanha e concedendo-lhe várias prerrogativas.

O Pseudo-Turpin também relata as vitórias militares de Carlos Magno na península, transformando o desastre da campanha de 778 em um feito heroico. O capítulo 5 lista diversas cidades supostamente capturadas por Carlos Magno nos três anos em que permaneceu na Espanha após salvar Santiago de Compostela, antes de retornar à França.

Nela, um rei africano chamado Aigolandus retoma a Espanha, desencadeando uma série de batalhas entre os francos e os muçulmanos, com Roland emergindo como o principal herói franco. Isso leva Carlos Magno a reconquistar a Espanha, mas sua partida ao norte é emboscada, resultando na famosa batalha de Roncesvalles, onde Roland e outros guerreiros importantes são mortos.

Argumenta-se que as narrativas das ações militares de Carlos Magno contra as forças islâmicas, tanto na Península Ibérica quanto na África, serviram como propaganda para incentivar a participação francesa nas Cruzadas na Espanha.

Essa crônica, conhecida como Pseudo-Turpin, e a famosa Canção de Roland são os relatos mais notórios da lenda das façanhas de Carlos Magno na Espanha durante os séculos XII e XIII. Esses contos épicos se tornaram parte de uma era de ouro celebrada na cultura franca, não apenas como histórias dramáticas, mas também como parte da própria história real. Portanto, a inclusão do Pseudo-Turpin na crônica de Alberic de Trois-Fontaines é compreensível, visto que ele era um compilador sensato e completo da história (DOLAN GOMÉS, 2016, p. 95-96)

Vemos também menção à ida de Carlos Magno à Espanha na conhecida Nota Emilianense, escrito em San Millán (de la Cogolla), próximo a Nájera, na região da Rioja Alta na segunda metade do século XI, no centro-norte da Espanha, a apenas 14 quilômetros do caminho de peregrinação a Santiago de Compostela.

Em cerca de um parágrafo ele resume o texto da *Chanson* de Roland, mas de inovador ele apresenta o nome dos francos hispanizados, assim como o local da batalha *Rozaballes* (Roncevaux), tal ato sugere a tradição narrativa oral viajou da França para a rota de peregrinação na Espanha e que ao longo do tempo, se fez notada na Nota Emilianense (BAILEY; GILES, 2016, p. 21).

Contudo, é importante notar que nem sempre o objetivo era enaltecer Carlos Magno e os Francos. Alguns estudiosos da cultura medieval ibérica defendem a ideia de que, tanto no Sul da França quanto na Península Ibérica, a memória carolíngia foi contestada em alguns casos (MACEDO, 2009, p.4) ou, pelo menos, interpretada de forma diferente.

A “rejeição” inicial da ideia de heróis francos, surgiu durante um período em que a Península Ibérica estava em uma luta real contra os mouros na guerra de Reconquista. Entre os séculos XII e XIV, houve uma formação gradual de uma consciência castelhana, e nesse contexto, a França e os francos eram vistos com desconfiança e retratados de forma negativa nas crônicas.

Um desses textos é de relatos que rechaçam Carlos Magno na Espanha, é a *Historia Silense*, uma crônica latina composta por um membro da comunidade religiosa de San Isidro em León, entre 1109 e 1118. Em uma passagem concisa de três parágrafos, o autor combina a narrativa dos eventos históricos com o desafio à rejeição de algumas reivindicações de uma de suas fontes, no caso o *Vita Karolli*. Ela contextualiza a invasão franca dentro de um panorama histórico mais amplo, conferindo-lhe um significado adicional.

Na sequência do relato da conquista muçulmana da Espanha em 711 (datada na *Historia Silense* como 709, 747 da Era Hispânica), atribuída ao poderoso rei Hulit dos bárbaros de toda a África, liderados inicialmente pelo desonrado Conde Julian e pelos dois filhos despossuídos do falecido rei Witiza, o autor destaca a situação precária dos godos, abandonados por Deus e por outras nações.

Especificamente, o autor rejeita as afirmações feitas pelos francos de que Carlos Magno libertou cidades na Espanha das mãos dos pagãos, antes de narrar a incursão do rei franco até Roncevaux. (BAILEY; GILES, 2016, p. 17) E que este em nada ajudou aos que ali ficaram a se libertar do jugo pagão.

Além disso, nenhuma das nações estrangeiras é conhecida por ter resgatado a Espanha de tal ruína, exceto Deus Pai, que tem os pecadores sob sua proteção. Mas Carlos também não, a quem os franceses alegaram falsamente ter resgatado das mãos dos pagãos certas cidades abaixo das montanhas dos Pireneus. Pois quando a guerra com os saxões se prolongou por 33 anos, como está registrado nas ações

do mesmo, um certo mouro chamado Hybinnalarabi veio até ele, a quem Abderahman, o grande rei dos mouros, havia presidido no reinado de César Augusto, prometendo submeter-se a si e a toda a província ao seu domínio. Então Carlos, o rei, persuadindo o referido mouro, tendo concebido em sua mente a esperança de capturar os estados da Espanha, tendo reunido um exército de francos, marchou pelas montanhas desertas dos Pirineus e chegou em segurança à cidade de Pamplona. Onde o povo de Pamplona o vê, recebe-o com grande alegria, pois estavam de todos os lados encurralados pela fúria dos mouros. De onde ele veio para a cidade de Cesaraugusto, corrompido com ouro à maneira dos francos, sem suor para resgatar a santa igreja do domínio dos bárbaros, ele voltou para seu próprio lugar. Na verdade, Charles ansiava por se banhar mais cedo naqueles banhos que Grani construía tão deliciosamente para esse fim. Além disso, quando em seu retorno tentou destruir a cidade de Pamplona dos Mouros, a maior parte de seu exército pagou um alto preço na própria montanha dos Pirineus. Pois se o exército fosse estendido com uma longa coluna, como permitia a estreita posição do local, a última coluna que protegia as anteriores atacava os navarros por cima. E eu juntei forças com eles, e matei todos eles, até um. Em cuja guerra Eggihardus foi prefeito no mês do rei Charles, Anselmus, o conde de seu palácio, e Rotholandus, o governador britânico, caíram com vários outros. Este fato permaneceu impenitente até hoje. Tendo dito isso brevemente sobre Charles, volto ao começo. Portanto, depois de tão grande queda dos espanhóis, é digno de um trabalho relatar como a misericórdia divina que fere e cura, como que de uma raiz regeneradora, tornou populosa a nação dos godos (SANTOS COCO, 1921, p.16-17).T.A

A *Historia Silense* é a primeira crônica espanhola a apresentar uma visão negativa da intervenção carolíngia na Espanha, retratando a participação de Carlos Magno ao sul dos Pirineus como motivada pela cobiça e ineficaz. Os autores das lendas de Roland, possivelmente franceses, são acusados de fabricar os sucessos de Carlos Magno. A crônica tem o propósito principal de exaltar o reino de León e as conquistas de Alfonso VI, que seriam obscurecidos pela narrativa competidora de uma reconquista carolíngia da península, se levar em conta a maneira em que está escrito o Pseudo-Turpin.

O autor da *Historia Silense* frequentemente menciona Alfonso VI por seu título imperial, rejeitando reivindicações concorrentes de imperialismo, como a de Carlos Magno. Um debate emerge sobre a motivação das campanhas de Carlos Magno.

Enquanto o Pseudo-Turpin e seguramente a Canção de Roland atribuem motivação religiosa, a *Historia Silense* argumenta que o desejo de conquista impulsionou Carlos Magno, questionando sua ação em resgatar igrejas da dominação muçulmana. Ao invés disso, o autor destaca os reis de León como defensores e restauradores da igreja. A abordagem propagandística da *Historia Silense* e sua narrativa sobre a campanha de Carlos Magno forneceram a base para os elaborados relatos nas histórias ibéricas do início do século XIII (DOLAN GOMÈS, 2016, p.100-101).

O território espanhol teve durante muito tempo a presença de juglares (jongleurs) (GAUTIER, 1875, p. xlj) que mesmo criticados pelos intelectuais do clero por serem dignos de pouco crédito (CATALÁN, 2001, p. 14) traziam em suas narrativas a plena presença de Carlos Magno e seu sobrinho Rolando e suas lendas *très françaises*, que com o passar do tempo fo-

ram sendo revistas, e em seu lugar foram produzidas versões legendárias que substituíram os heróis franceses por versões hispânicas.

Um exemplo é a Crônica Geral Alfonso X (segunda metade do século XIII), precedida pela *Chronica Hispaniae* de Rodrigo de Toledo (f 1247), que apresenta um aspecto diferente da batalha de Roncevaux :

Alfonso, o Casto, reinou por trinta anos. Ameaçado pelos sarracenos, chamou Carlos Magno em seu auxílio; mas os espanhóis, seus súditos, se revoltam só de pensar que serão resgatados pelos franceses, e Alfonso é forçado a deixar Charles saber... que ele passará sem ele. O rei da França, indignado, imediatamente declara guerra aos espanhóis. Em vez de ceder aos odiados franceses, eles buscam a aliança de Marsile e dos pagãos, e é Bernard del Carpio quem conclui essa aliança. Oprimidos por dois exércitos, ou melhor, por duas raças, os franceses são derrotados e Roland morre. É verdade que Carlos se vingou mais tarde de Marsílio. Mas Bernard del Carpio foi o mais feliz. Reconciliado com o grande imperador, foi por ele feito rei da Itália. (*Chronica Hispaniae*, IV, cap. x e xi; *Cronica general*, ed. de 1604, f.º 30-32. Cf. a Crônica anterior de Lucas de Tuy, etc.) == ci *L'Office de Charlemagne à Girone* » (GAUTIER, 1875, p. 371) T.A

A presença do herói Bernardo del Carpio e sua vitória sobre Carlos Magno, segundo Matthew Bailey e Ryan Giles, também estava sendo recontada por um autor anônimo do Poema de Fernán González (por volta de 1250). Este poema é uma narrativa fundacional castelhana que se concentra nas realizações guerreiras do conde Fernán González, creditado por garantir a independência do condado de Castela em relação ao reino de Leão. A história começa com a conquista da Espanha pelos godos e sua conversão ao cristianismo.

O poema elogia a excepcionalidade do povo castelhano, incluindo o próprio Bernardo e o rei Alfonso II, que derrotam Carlos Magno em duas batalhas. A primeira batalha ocorre quando Bernardo lidera suas forças contra os franceses, que são impedidos de avançar além do porto basco de Fuenterrabia. Segundo o poema, sete reis e potentados franceses são mortos nessa batalha.

Na segunda peleja, Bernardo busca a aprovação de Alfonso II para atacar os “Doze Pares”² franceses e enfrenta Carlos Magno na Passagem Aspe. Os nomes dos guerreiros

² Assim como Carlos Magno representa Jesus, seus soldados, os doze pares fazem alusão direta aos doze apóstolos, que auxiliavam o Cristo na Sua missão salvífica, além disso, esse grupo de homens especiais aparece formado por membros advindos da elite medieval, como cavaleiros e clérigos. Doze é o número dos eleitos de Deus, como as doze tribos de Israel. Assim como Carlos Magno representa Jesus, seus soldados, os doze pares fazem alusão direta aos doze apóstolos, que auxiliavam o Cristo na Sua missão salvífica, além disso, esse grupo de homens especiais aparece formado por membros advindos da elite medieval, como cavaleiros e clérigos. Doze é o número dos eleitos de Deus, como as doze tribos de Israel. Sobre eles, etimologicamente, Ferdinand Lot, define: [...] par, significa, homem da mesma condição social e política, irmãos ou primos unidos por julgamento comum, aplica-se tanto ao senhor como ao vassalo, quando um homem se recomenda ao poder de outro. No período carolíngio, em muitas capitulares, designa vassallos beneficiários do imperador, especialmente ligados às expedições a que eram obrigados a lutar contra os rebeldes. Os pares são os barões que se reportam diretamente ao rei. Quando unirmos à palavra França, se define a um grupo de senhores e prelados claramente separados dos demais por uma determinada qualificação. No período capetíngio temos tal uso, numa carta escrita por Eudes II de Chartres ao rei Roberto 1023. T.A (LOT, 1893, p. 34-59)

francos são revelados em um contexto de inspiração de batalha, destacando seu exemplo de abnegação.

No entanto, no Fernán González, os nomes dos mortos franceses não são ligados às batalhas vencidas por Bernardo, e ele e seu exército são enaltecidos como os heróis da narrativa, independentemente da representação heroica dos francos em outros textos tradicionais, como a *Chanson de Roland*. No Poema, Bernardo e seu exército é quem são os verdadeiros protagonistas, e a história se concentra na ação heroica e na fé inabalável, destacando o excepcionalismo castelhano (BAILEY; GILES, 2016, p.30-32).

Os relatos da chegada de Carlos Magno à Espanha contribuíram para o florescimento de uma épica própria da região, trazendo à tona heróis como o já citado Bernardo del Carpio, e Rodrigo Díaz, o El Cid. Tais narrativas são reflexões críticas de eventos alardeados como verdadeiros, uma contra história (RICQUOI, 1989, p. 679) sobre as narrativas francas, mostrando um outro lado desses textos que foram à sua maneira, míticos, mas que essencialmente não estão longe dos fatos acontecidos, o rei franco esteve na Espanha, mas não da forma literariamente expressa, e por essa razão foi possível o nascimento de versões hispânicas das aventuras de Carlos Magno.(BAILEY; GILES, 2016, p.13)

No geral a imagem de Carlos Magno é destacada na Espanha o que deu origem a versão castelhana da muito popular Historia del emperador Carlomagno, que é diretamente influenciada por Fierabras.

No território espanhol vemos as narrativas perdendo força e em 1605 percebemos seu fim com a primeira edição de Don Quixote.(GAUTIER, 1875, xlj) que mesmo marcando o fim dos romances de cavalaria apresenta inspiração nas narrativas carolíngias:

A história de Ogier, o dinamarquês (marquês de Mântua), diz Cervantes, “é conhecida pelas crianças, não ignorada pelos jovens, celebrada e até acreditada pelos idosos. E ainda hoje a Espanha é o único país onde o povo canta com fé e amor Carlos Magno e seus doze pares (PARIS, 1865, p. 216) T.A

O romance “*Historia del emperador Carlomagno y de los dozes pares de Francia*”, foi publicado pela primeira vez em Sevilha em 1521, tem origem no Fierabras francês, também conhecido como Conquête du Grande Charlemagne, na edição datada de 1458, a versão posterior à utilizada nesse trabalho.

A variante castelhana reconta as origens dos reis francos e as façanhas de Carlos Magno e os Doze Pares e foca no envolvimento militar do rei dos francos com um exército infiel liderado por Balán e Fierabras, narrando captura, negociação, conversões e um romance, tópicos comuns em todas as edições de Fierabras.

Além da entrada de Carlos Magno na Espanha, suas lutas contra mouros e traição em Roncesvalles, adaptado por Nicolás Piamonte, o romance combina fontes medievais

francesas e sua influência é vista na literatura, como Don Quijote, e a adaptação aborda o tema da conversão no contexto da cristianização de Granada (GILES; 2016, p. 123-125).

Luís da Câmara Cascudo, diz que a tradução da edição castelhana é dividida em três livros do original francês que teve uma edição em Sevilha em 1525, e tem origem no *Fierabras* francês, numa edição posterior à por nós estudada, conhecida como *Conquête du Grande Charlesmagne*, editado em 1485.

Os três livros da versão castelhana contêm: a) a crônica da França, desde os primeiros reis até Carlos Magno; b) a batalha de Oliveros com Ferrabrás, rei de Alexandria, filho do grande almirante Balão, escrito em verso francês; c) as obras meritórias de Carlos Magno, a traição de Galalão e a morte dos doze Pares. A fonte da terceira parte é o *Speculum Historiale*, de Vicente de Beauvais (CASCUDO, 1984, p.266).

É possível que uma edição anterior do romance espanhol tenha circulado, ao menos em parte, entre 1500 e 1503, coincidindo com as revoltas mouriscas (Goodman 154). Francisco Marquez Villanueva sugere que “Nicolás Piamonte” soa como um pseudônimo, e até o momento da escrita, a identidade do autor permanece desconhecida. O suposto sobrenome do autor aparenta estar relacionado a terras que agora fazem parte da Itália, mas que foram unificadas sob a Casa de Savoy, um ducado formado em 1416. Durante o início do século XVI, Charles III de Savoy governava a região do Piemonte. Esse duque apoiou os Habsburgos na Europa Ocidental, especialmente favorecendo Carlos V em seu conflito contra Francisco I.

Casou-se com Beatriz de Portugal, filha do cunhado do imperador, mas acabou sendo deposto do poder. Também é notável que o possível sobrenome pseudônimo, derivado do latim “pedemontis”, significa “pé de montanha” ou o ponto onde terras altas encontram uma planície. Por essa razão, poderia referir-se a vários lugares e cidades na Espanha, incluindo Granada. “San Nicolás” era um local importante na parte alta do bairro mouro de Granada. Nomeado após uma igreja mudéjar que já foi uma mesquita, oferece uma vista espetacular da Alhambra (GILES, 2016, p. 123-124).

OS PARES DE FRANÇA EM PORTUGAL

A versão castelhana da história de Carlos Magno, com sua barba florida, espada gloriosa e pares invencíveis, chegou a Portugal e foi reimpressa em Lisboa no século XVII (1615) e Coimbra em 1732. Jerônimo Moreira de Carvalho, físico-mor de Algarve (CASCUDO, 2001, p. 38)³ traduziu para o português no século XVIII, dividindo em duas partes publicadas em 1728 e 1737, misturando a segunda parte com narrativas de Boiardo e Ariosto. O padre

³ Informações sobre Jerônimo Moreira de Carvalho são escassas, diferente do caso de Nicolás Piamonte, que temos mais detalhes sobre sua persona.

Alexandre Caetano Gomes Flaviense publicou a “Verdadeira Terceira Parte” em 1745, focada em Bernardo del Carpio e suas vitórias. Caetano Gomes escreveu para entreter nas longas noites de inverno.

As edições subsequentes, como a obra de Moreira de Carvalho e Caetano Gomes, foram amplamente reimpressas em Portugal e Brasil. Em 1789, uma edição mais acessível e resumida foi publicada, levando a história de Carlos Magno às classes mais pobres e áreas distantes. Reimpressões frequentemente destacavam episódios guerreiros individuais, exaltando Roldão, Reinaldo de Montalvão ou Oliveiros separadamente (CASCUDO, 1984, p.267)

[...] a tradução portugueza delle foi feita pelo medico Jeronimo Moreira de Carvalho, e publicada por primeira vez em 1728; e tal aceitação encontrou, que logo em se lhe juntou, uma segunda parte; e pouco depois (1745) uma chamada terceira, da qual se deu por autor o presbítero Alexandre Caetano Gomes; que provavelmente não faria mais que traduzir do castelhano algum dos livros no paiz visinho escripto acerca das apregoadas façanhas de Bernardo del Carpio (DA LITTERATURA, 1872, p. 38)

A tradução foi tão bem recebida que logo uma segunda parte foi acrescentada, e pouco depois, em 1745, uma terceira parte, atribuída ao presbítero Alexandre Caetano Gomes. Essa terceira parte provavelmente se baseou em algum dos livros escritos no país vizinho sobre as façanhas famosas de Bernardo del Carpio, que autor alega que compôs sua obra para entretenimento e diversão antes de dormir, compilando tudo o que pôde encontrar nos livros espanhóis relacionados a Bernardo del Carpio (PARIS, 1865, p.217).

É a História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França, nas edições de Lisboa, 1723, 1728, 1789, tradução de Jerônimo Moreira de Carvalho, físico-mor de Algarve, e que representam recapitulações e edições dos vários livros sucessivos, antes da forma definitiva que alcançou nos princípios do século XIX.(...) Era uma tradução do francês por um Nicolas de Piamonte, aproveitando a tradição popular de Fierabras de 1485. História francesa, constando de acréscimos, resumos, modificações de vários episódios, era conhecida desde o século XII, havendo versão provençal, e tudo começara por uma canção de gesta nos finais do século XII. (CASCUDO, 2001, p.51)

A introdução trata da ascendência de Carlos Magno, ligando-o ao povo troiano, atribuindo-o como descendente de Franco, companheiro de Eneas, e que segundo a narrativa fundou uma cidade da Gália e se tornou o primeiro rei dela (CARVALHO, 1863, v-viii).

O livro primeiro trata de Pepino, chamado no texto como o Primeiro rei Catholico de França, e como este se tornou imperador dos romanos. O segundo, trata dos Doze Pares de França, da batalha de Oliveiros contra o Gigante Ferrabrás, o terceiro narra como São Thiago Menor apareceu a Carlos Magno e a batalha deste contra o Gigante Ferraguz.

Enquanto o livro quatro fala da traição de Galalão, da morte dos doze pares da visão do Arcebispo Turpin da morte de Roldão, e da morte de Carlos Magno, e por fim, o livro cinco, [de origem italiana] relata o nascimento e a vida de Roldão antes de ser armado cavaleiro por Carlos Magno.

Além desses livros, há um adendo de uma narrativa sobre a formação da Hispania, a dominação turca e a retomada de seus territórios, além da vida de Bernardo del Carpio⁴, a quem foi atribuída, nas versões hispânicas a derrota de Carlos Magno em Roncevaux/Roncesvalles. As três partes parecem unir novelas menores anteriores.

Os quatro livros da segunda parte detalham eventos que o autor afirma ocorrerem entre os dois primeiros capítulos do livro quatro da parte anterior. A redação, embora possa não ser original, é distintamente em português, sem erros de tradução como na primeira parte.

Esses quatro livros abordam: a ida de Carlos Magno a Paris, seu rápido retorno à Espanha para subjugar Abderraman e sua entrada triunfante em Toledo; a aventura de Roldão na cova Tristefea, novas vitórias e a fuga de Abderraman para a Etiópia; a conquista de Olão de Dinamarca, o retorno a Toledo e a vitória final sobre Abderraman, que morre; também incluindo os casamentos de Carlos Magno e Roldão. É inegável que a História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França alcançou uma popularidade significativa em Portugal e suas colônias (DA LITTERATURA, 1872, p.39-41).

Gaston de Paris ao se referir à presença das narrativas carolíngias em Portugal observa que eram raras as produções com essa temática, e que comparados com as versões espanholas eram de poesia é menos rígida, menos intensa e menos vigorosa mas no entanto, eles possuem mais graça e frequentemente um charme quase misterioso (PARIS, 1865, p. 216).

No século XIII, o personagem de Rolando recebeu atributos semelhantes aos santos nas narrativas, e Carlos Magno, que foi oficialmente canonizado pelo antipapa Pascoal III em 1165, mas teve tal processo anulado, mesmo assim, foi representado como o responsável por restabelecer o culto cristão na Espanha após fazer uma peregrinação ao túmulo de Santiago de Compostela para protegê-lo e reorganizá-lo.

Essas novas interpretações contribuíram para alterar a visão dos peninsulares em relação aos francos e a Carlos Magno, tornando-o um herói admirado e associado à luta contra os mouros na Península Ibérica (MACEDO, 2009, p. 4).

⁴ “La figura de Bernardo habría surgido del deseo de contrarrestar las hazañas de los héroes épicos franceses con un héroe nacional castellano, según la teoría de Menéndez Pidal, quien plantea también la existencia de dos leyendas separadas: la del Bernardo «francés» y la del Bernardo «castellano». En la primera ocuparía un lugar protagonista la hermana de Carlomagno, Berta, de quien serían hijos Roldán, muerto en Roncesvalles a manos de Bernardo, y también el mismo Bernardo como hijo ilegítimo en sus segundas nupcias con Alfonso II; la segunda, que resalta el protagonismo de Ximena, hermana de Alfonso II, «rompe totalmente con la tradición francesa y desarrolla un nuevo tema de mayor interés humano, rematado por un acertado final de verdadera grandeza trágica». En cualquier caso, parece indiscutible que la fabulación de la trágica historia de los amores entre la hermana del rey Alfonso y el conde de Saldaña, que dio un Bernardo ilegítimo, serviría muy bien para contraponerla al también ilegítimo héroe francés – Roldán –, invención cuyo éxito en la Edad Media y en los siglos posteriores descansó en su intenso poder alegórico para la monarquía hispánica, tradicionalmente enfrentada con su ambicioso vecino” (NISO, 2015, p. 79).

Mesmo que durante a Idade Média, os portugueses teriam se inclinado mais em direção aos romances da Távola Redonda do que às canções de gesta. Há um manuscrito onde quase todo o ciclo do Rei Arthur foi traduzido para o português, e se o Amadis teve origem em Portugal, não é difícil imaginar que Lancelot e Tristão foram suas fontes originais.

Neste cyclo carlovingio pouco se assignalou Portugal; contentando - se os seus filhos, como os de suas colonias, com ler, mais que nenhum outro livro, a famosa "Historia de Carlos Magno e dos Doze Pares de França" (DA LITTERATURA, 1872, p. 32).

Em Portugal, Geraldo Sem-Pavor também cumpriu possivelmente esse papel simbólico. De acordo com Carlos J. Rodríguez Casillas, durante o período da Reconquista, surgiu um guerreiro português, conhecido como Geraldo Sem Pavor ou o El Cid Português por suas façanhas que o destacaram enquanto ele abria caminho pelas terras da Estremadura⁵. A falta de referências claras sobre sua pessoa, somada às atividades bélicas que realizou, fez dele uma figura desconhecida e temida tanto por muçulmanos quanto por líderes castelhano-leoneses.

Geraldo assumiu nomes variados na história devido às diferentes perspectivas que as pessoas tinham sobre suas ações. Ele oscilou entre ser visto como traidor vil até se tornar um dos heróis medievais portugueses. Geraldo, de guerreiro a mercenário, liderou campanhas de conquista na Estremadura com poucas tropas. O mistério que envolve sua figura levou a numerosos estudos sobre sua origem, mais na historiografia portuguesa do que na espanhola.

Era um enigmático líder militar, ganhou fama ao atacar as fortalezas nas alturas da região da Estremadura durante a Reconquista. Suas proezas o tornaram um flagelo para muçulmanos e cristãos-leoneses. Mesmo sem comandar grandes batalhas, sua notoriedade na historiografia militar medieval é inegável, desafiando mitos obscuros sobre o mundo militar da época.

No entanto, as façanhas de Geraldo o tornariam reconhecido como um dos chefes militares da Idade Média que mais respeito e admiração causaram entre seus contemporâneos, chegando a igualar sua fama à do Cid Campeador. Tudo isto, sempre fruto da sua mestria nas técnicas de conquista de castelos e fortalezas. O que, só vem a ratificar a tese anteriormente exposta de que as guerras na Idade Média consistiam, sobretudo, numa luta contínua pelo domínio do território, sendo mais importantes as conquistas dos baluartes defensivos do que as grandes batalhas épicas, das quais Geraldo não capitão (RODRÍGUEZ CASILLAS, 2009, p.709). T.A.

No contexto da política da época, o controle de territórios era fundamental. Geraldo estimulou a futura conquista cristã da Estremadura ao dominar pontos estratégicos. Após a

⁵ Extremadura é uma das comunidades autônomas da Espanha, dividida em duas províncias, Cáceres a Norte e Badajoz a Sul, ambas com fronteira com Portugal a oeste, e sua capital é Mérida, foi compartilhada Portugal, ao qual pertenceu uma parte desta comunidade, na época da antiga Lusitânia (província romana que incluía uma parte do que é hoje Portugal (exceto a zona norte), e uma porção do que é hoje a Espanha ocidental).

morte de Afonso VII, conflitos internos dividiram os sucessores, beneficiando a ascensão de Geraldo, que liderou ataques eficazes.

A morte de Geraldo por decapitação na prisão e sua origem misteriosa o tornaram uma figura controversa da Idade Média, tanto odiada quanto admirada. Suas conquistas, como a de Alcântara, moldaram a história da região e desafiaram a inércia política.

CONSIDERAÇÕES

Em ambos os territórios se percebe a construção e cristalização da imagem de Carlos Magno e seus pares como modelos de justiça, lealdade e defesa da fé:

Ao final da Idade Média, Rolando era personagem bem conhecido em Portugal e Espanha, sendo citado em crônicas, romances e cantigas dos trovadores¹⁶. Nas aldeias próximas aos Pirineus, a tradição identificou o cenário das aventuras do invencível herói: montanhas passaram a ser chamadas de Pedra de Rolando; fendas e buracos de rochas eram atribuídas às marcas de seus pés, ou das patas de seu cavalo. Sua espada, durindana, encontrar-se-ia num rio próximo da cidade de Toledo, significativamente denominado El Rio de la Espada. Na memória coletiva o guerreiro franco ganhou a forma de um gigante visitador de grutas, montes e rios. Data do fim do século XV a extraordinária difusão de romances de cavalaria do ciclo carolíngio na Península Ibérica (MACEDO, 2009, p. 4).

E essa imagem como na *Chanson de Roland* e em *Fierabras* há a evidente separação entre os cristãos, aqueles que estão certos, e os pagãos, os que estão errados e pagam por isso.

Tais construções imagéticas se perpetuaram e expandiram para além dos territórios de produção dos textos, que se mantem e ganham novos elementos a partir da vivência e olhares dos habitantes da Península Ibérica, que em seu processo de ocupação de territórios Transatlânticos chegam na América e conseqüentemente ao território brasileiro que ressignificam esses personagens e narrativas que se tornam ricos acréscimos à cultura e religiosidade brasileira.

REFERÊNCIAS

KROEBER, A. et SERVOIS, G. **Fierabras**. Chanson de geste. Publiée pour la première fois d'après les manuscrits de Paris, de Rome et de Londres. Paris, 1860.

BÉDIER, Joseph. **La Chanson de Roland (Manuscrit d'Oxford)**. Paris: L'édicion D'arts, 1923.

SUBRENAT, Jean. **La Chanson de Roland-Le Manuscrit de Châteauroux**. Honoré Champion Éditeur, Paris, 2016.

BIBLIOGRAFIA

BAILEY, Matthew and GILES, Ryan D. eds., **Charlemagne and his Legend in Early Spanish Literature and Historiography**, Bristol Studies in Medieval Cultures. Cambridge: D. S. Brewer, 2016.

BAYARD, Jean Pierre. **História das Lendas**. Trad. Jeanne Marillier. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1957.

BÉDIER, Joseph. **La Chanson de Roland (Manuscrit d'Oxford)**. Paris: L'édicion D'arts, 1923.

CARVALHO, J. Moreira de. **História do Imperador Carlos Magno, e dos Doze Pares de França**. Tradução do castelhano ao português. Lisboa: Tipographia Rollandiana, 1863.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Literatura Oral no Brasil**. 3ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1984.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Mouros, franceses e judeus: três presenças no Brasil**. 3. Ed. São Paulo: Global, 2001.

CATALÁN, Diego. **La épica española: nueva documentación y nueva evaluación**, Madrid: Fundación Ramón Menéndez Pidal, 2001. La Épica Española.

DA LITTERATURA DOS LIVROS DE CAVALLARIAS. Vienna : Na imprensa do Filho de Carlos Gerold, 1872.

DOLAN GOMÉS, Miguel. Rex Parvus and Rex Nobilis? Charlemagne and the Politics of History (and Crusading) in Thirteenth-Century Iberia. In **The Legend in Medieval Latin Texts**, edited by Wilain J. Purkis and Matthew Gabriele, .Cambridge: D. S. Brewer, 2016 (92-114).

FERNANDES, Ceres Costa. **Apontamentos de literatura medieval: literatura e religião**. São Luís: Ed. AML, 2000.

GAUTIER, Leon. **La Chanson de Roland** - Texte critique et commentaire. Tours, Alfred Mame et Fils, 1875.

GILES, Ryan D. Converting the Saracen: The Historia del emperador Carlomagno and the Christianization of Granada. In: BAILEY, Matthew; GILES, Ryan D. (eds). **Charlemagne and his legend in Early Spanish literature and historiography**. Cambridge: D. S. Brewer. 2016, p. 123-148.

IRUJO, Xabier. **Charlemagne's Defeat in the Pyrenees: The Battle of Rencesvals, Amsterdam: Amsterdam University Press, 2021**.

LOT, Ferdinand. Quelques mot sur l'origine des Pairs de France. In: **Revue historique**, Tome LIV. Paris: Presses Universitaires de France, 1893.

MACEDO, José Rivair. Mouros e cristãos: a ritualização da conquista no velho e no Novo Mundo, **Bulletin du centre d'études médiévales d'Auxerre** | BUCEMA [En ligne], Hors-série n° 2 | 2008, mis en ligne le 25 janvier 2009.

MANDACH, André. **Naissance et développement de la chanson de geste en Europe, Volume 5**. Genève: Librairie Droz, 1987.

MENENDEZ PIDAL, Ramón. **La epopeya castellana a través de la literatura española**. (1945). Madrid: Espasa-Calpe, 1974.

MORRISSEY, Robert. **Charlemagne and France: A Thousand Years of Mythology**. Translated by, Catherine Tihanyi. The Laura Shannon Series in French Medieval Studies. Notre Dame, IN: University of Notre Dame Press, 2003.

NISO, Rebeca Lázaro. La Leyenda de Bernardo del Carpio y su proyección en la Literatura. In: **Cuadernos de Aleph**, 7, 2015, (pp.79-95).

PARIS, Gaston. **Historie Poétique de Charle Magne**. Tese de doutorado apresentada na Universidade de Sorbonne em dezembro de 1865.

RODRÍGUEZ CASILLAS, Carlos J.: "Geraldo 'Sempavor': las hazañas de un guerrero portugués por tierras extremeñas", en **Coloquios Históricos de Extremadura**. Trujillo, 2009. (693-715).

RUCQUOI, Adeline. La France dans l'historiographie médiévale castillane. In: **Annales. Économies, sociétés, civilisations**. 44^e année, N. 3, 1989. (pp. 677-68), p. 677-679.

SANTOS COCO, Francisco. **Historia Silense** Edición preparada por F. Santos Coco. Junta para ampliación de estudios e investigaciones históricas. Centro de Estudios históricos, Madrid, 1921.

SUBRENAT, Jean. **La Chanson de Roland-Le Manuscrit de Châteauroux**. Honoré Champion Éditeur, Paris, 2016.

Recebido em dezembro/2023 | Aprovado em junho/2024

MINIBIOGRAFIA

Elisângela Morais

Doutora pelo Programa de Pós- Graduação em História e Conexões Atlânticas: culturas e poderes da Universidade Federal do Maranhão (UFMA-CAPES), sob a orientação da Prof.^a Dra. Adriana Zierer. Bolsista CAPES, membro do Brathair - Grupo de Estudos Celtas e Germânicos e do grupo HCLN-História, Cultura Letrada e Novas Linguagens da Universidade Federal do Maranhão. Mestre em História Social (PPGHIS-UFMA/CAPES).
E-mail: elishst2@gmail.com